

**A**driana Calcanhoto acabava de chegar ao Rio de Janeiro depois do seu primeiro concerto fora do Brasil. A experiência em Buenos Aires, onde representou musicalmente Porto Alegre, tinha sido gratificante. Na plateia, figuras como Mercedes Sosa deixaram-se embalar pela «fábrica do poema» da menina gaúcha, pela voz macia, pela tranquilidade da música que anta docemente.

Antes, «só tinha dado uma canja no festival de Montreux, em 1989, numa altura em que ainda não tinha a certeza se queria ou não fazer música». De lá para cá tem escrito poemas e canções de si. «Minha música não quer ser útil, não quer ser moda, não quer estar certa. Minha música não quer ser bela, não quer ser má. Minha música não quer nascer pronta. Minha música não quer redimir mágoas, nem dividir águas, não quer traduzir, não quer protestar. Minha música não quer me pertencer, não quer ser sucesso, não quer ser reflexo, não quer revelar nada. Minha música não quer ser sujeito, não quer ser história, não quer ser resposta, não quer perguntar. Minha música quer estar além do gosto, não quer ter rosto, não quer ser cultura. Minha música quer ser de categoria *nenhuma*. Minha música quer só ser música: minha música não quer pouco».

Canta com sentimento e dedica o tema a seu pai, que tocou a bateria, lembrando os anos em que acompanhou Elis Regina.

As músicas têm a textura das músicas antigas, mas uma batida que se aproxima da pop. «Gosto de tráfegar por todas as faixas. Faço coisas que agradam ao grande público, mas sempre desenvolvo projectos alternativos».

Um desses projectos passou recentemente pelos palcos de Porto Alegre. Adriana compôs uma música para a peça de teatro *Aqueles Dois*, com texto de Caio Fernando Abreu e direcção de Daniela Carmona. «Adoro fazer música por encomenda. A obrigação de compor estimula a inspiração».

**Uma intelectual em estado de alerta.** Não é uma voz nem para grandes salas, nem para a penumbra de um qualquer bar. Não é mais uma daquelas vozes «simpáticas» que evocam as velhas dissonâncias da bossa nova. Adriana Calcanhoto é uma intelectual em estado de alerta que possui uma voz envolvente de refinado timbre e grande destreza.

Nasceu gaúcha, vive no Rio.

aprendeu a crescer com Elis Regina. «Não é desatinado imaginar que se Elis Regina vivesse transitaria hoje pelos caminhos que recorre Adriana Calcanhoto», escreve Fernando Lopes do jornal *La Nación* de Buenos Aires.

Mas Adriana não se inspira apenas na sua poesia e na voz de Elis Regina. Canta sem receio temas que foram êxito pelas vozes de Chico Buarque e Caetano Veloso e apaixonou-se pela poesia concreta de Jorge Salomão ou de Arnaldo Antunes, o poeta-músico dos Titãs.

*Enquiço e Senhas*, os dois primeiros álbuns de Adriana, mostram com quanta imaginação ela é capaz de criar uma invulgar harmonia entre palavras e melodias, movendo-se com natural à-vontade e liberdade entre os mais variados estilos de música, do samba à pop, passando pela bossa nova.

Filha de artistas, a mãe bailarina clássica e o pai baterista, Adriana começa a fazer música «bem por acaso». O ambiente era favorável. Seu pai, Carlos Calcanhoto, o Canhoto, tinha um conjunto de *cool jazz* e bossa nova que ensaiava na sua própria casa. Mas a familiaridade com a música já havia nascido consigo.



**Os «toques» da música popular brasileira.** «Pegando e largando os estados de violão chego aos 18 anos e decido sair de casa, a fim de conquistar o mundo. A maneira que encontrei para comer, pagar renda e dormir de manhã, foi cantar num restaurante». Meses depois é convidada para dar um espectáculo no Mistura Fina, na Lagoa, no Rio de Janeiro, acabando por ficar por lá durante cinco semanas. O sucesso foi tão grande que apareceu de imediato uma gravadora a convidá-la para um contrato.

«Entre e foi bom, apesar de haver muita expectativa



equivocada em relação ao meu trabalho. A produção do disco foi mal feita, o resultado é limpo demais, demasiado cosmético para o meu gosto. Mas sobreviveu e preparou o terreno para eu mostrar as minhas canções num segundo trabalho que eu mesma produzi. Hoje em dia sinto-me especialmente bem a cantar as coisas que eu escrevo, pelo que me não me considero

uma cantora-intérprete, mas uma compositora que gosta de cantar. A compositora explica e excita a cantora e vice-versa. Mas não faço poesia, não sou poeta», diz, sorriso tímido, humildemente, deixando sair as palavras, soltas, livres, pausadas. «Como sou ligada ao som, acho que as coisas que escrevo se prestam para a música. Gosto de canção popular, simples e musical. Vejo o meu trabalho como um depoimento, exprimo o que penso e o que acho que as pessoas da minha geração acham. Afinal, a música popular brasileira tem dado e continua a dar «toques» para a vida do Brasil. Os músicos continuam a ter mais credibilidade que qualquer outro sector. Eu mesmo dei grandes «toques» na

minha vida devido a frases que o Caetano Veloso escreveu e cantou e que nós vamos passar a vida a agradecer. As regras teóricas do mercado, totalmente duvidosas, nunca calaram as vozes», diz, olhando a lagoa, indiferente ao abafado calor.

De repente, sempre com doçura, quase como se estivesse falando para si mesma, afirma: «Não quero ascensão social nem valores materiais. Quero simplesmente divertir-me, isolar-me, criar, pegar em textos e poemas de outros e musicá-los como se fossem meus».

**Sofisticada fábrica do poema.** O recente disco de Adriana Calcanhoto, *Fábrica do*

## ADRIANA CALCANHOTO

fala como canta: doce, meiga, profundamente tranquila. Um estilo que transparece da sua imagem



*poema* é, até agora, o seu preferido. É o mais sofisticado e o mais arriscado. A primeira música, *Por que você faz cinema?*, tem letra do cineasta brasileiro Joaquim Pedro de Andrade que, em resposta à pergunta que o jornal francês *Libération* colocou a vários cineastas de todo mundo, respondeu que «era para chatear os imbecis, (...) para viver à beira do abismo, para correr o risco de ser desmascarado pelo grande público, (...) para ver e mostrar o nunca visto, o bem e o mal, o feio e o bonito, (...) para insultar os arrogantes e poderosos quando ficam como «cachorros dentro de água» no escuro do cinema, para ser lesado em meus direitos autorais». Ilucidativo.

«Fiquei impressionada com o que ele diz e, mais ainda, com a sonoridade geral, com o ritmo daquelas palavras. De forma razoavelmente incomum para mim, musiquei-o na mesma hora.

A canção abriu então uma espécie de trilha que passei a perseguir no disco todo. Faltavam alguns dias para o início da gravação e eu coloquei no lixo o repertório que já havia definido e comecei tudo de novo», confessa Adriana.

Fala como canta. Doce, meiga, profundamente tranquila. No palco é ela a voz e o violão. E as palavras. «Só tenho pena de não poder dançar». Prefere estar só, sem outros músicos ao seu lado. «Não sei explicar, mas quando estou em cima do palco com um grupo, não consigo falar direito com a plateia, intimidado-me, fico com vergonha, tensa».

Ela é só. Nota-se que gosta da solidão, do isolamento. Adora musicar poemas, criar melodias. Por vezes deixa de falar e começa a cantar. Canta com amor, com suavidade, com profunda e imaculada paixão. ◀